

REVISTA

APLAUSO


Guia de teatro

ANO VIII N° 80
EXEMPLAR GRATUITO



Amazônia vida e mistério

Cia Aplauso mostra no Espaço Cultural Sérgio Porto
as lendas e a dura realidade da região amazônica



Imagine
um **espaço**
cênico, com
todo o acervo
do Teatro
de Arena,
onde você
poderá assistir
o melhor
da produção
artística das
comunidades
cariocas...

...aguarde!

O mergulho de um ator

“ O teatro é essencial para o ator. É o trabalho mais apurado, de maior estudo. Primeiro é o contato entre o autor, o diretor e o ator; e depois entre o ator, o público e deus. É você sozinho, dentro de uma caixa, fazendo as pessoas acreditarem no que está acontecendo. É o momento de verdade de um ator. Um ator nunca deveria deixar de fazer teatro!

Comecei minha vida profissional fazendo um teste no *Teatro Brasileiro de Comédia (TBC)*, para viajar com a peça *Santa Marta Fabril S.A.*, mas resolveram encenar *A Casa de Chã do Luar de Agosto* e, de repente, me vi no meio de um elenco veterano, com Nathália Timberg, Fregolente, Célia Biar e Eugênio Kusnet, que foi uma espécie de padrinho para mim. Eu tinha consciência do meu amadorismo e me dava aquela sensação de ‘o que eu estou fazendo aqui?’. Ouvia os conselhos e tinha noção que deveria estudar mais, me formar mais.

Mas estreei bem. O diretor era o belga Maurice Vaneau, que ainda não falava bem o português, porém era um excelente mímico. Quando ele me mostrou a marcação de uma cena de pileque que eu tinha de fazer, improvisei em cima do que tinha mostrado e fiz um ótimo pileque. Uma vez, acabei tomando um pilequinho antes de entrar em cena, e foi o pior dia que fiz a peça. Foi uma lição que aprendi no início da carreira: nunca mais bebi antes de um espetáculo.

Nesses anos todos, fiz coisas muito boas, ganhei prêmios e trabalhei com vários colegas. A gente sempre tem sonhos, ambições e metas a serem alcançadas, papéis a serem atingidos. Mas agora começo a entrar num lago, onde as águas ficam mais plácidas. Durante a vida, a gente passa por corredeiras, piracemas e dá pulos até entrar no lago e desovar, que neste caso significa o amadurecimento, que um dia chega. ”

Mauro Mendonça, dezembro de 2006



Túnel do tempo

Depois de cravar a bola no centro da rede, com o recente sucesso de *Metegol*, o escrete nota dez da *Intrépida Trupe* dá seqüência às comemorações dos seus 20 anos. De 2 a 17 de dezembro, a companhia toma conta do Teatro Nelson Rodrigues, para lembrar os números mais marcantes do seu repertório, com trechos da *Intrépida Trupe no Teatro Ipanema* (1988), *ARN* (1990), *ARN II* (1993), *Intrepidez* (1996), *Kronos* (1999) e *Sonhos de Einstein* (2003).

Teatro para todos

Chegou a tão esperada época do ano em que a falta de dinheiro não é desculpa para não ir ao teatro. A campanha *Teatro Para Todos* acontece até o dia 17 de dezembro, com a adesão de 50 peças, que englobam tanto o público adulto quanto o infantil. Ao todo, estão sendo disponibilizados 36 mil ingressos a preços populares, que podem ser comprados na Cinelândia, num quiosque volante, em postos BR credenciados, na loja Modern Sound ou pelo site ingresso.com.

Frevo arretado

De olho nos festejos do centenário do frevo, em 2007, o pernambucano Antonio Nóbrega antecipa a celebração da data trazendo para o Rio o espetáculo *Nove de Freveireiro*. Como um mestre de cerimônia, o artista transita pelo circo, dança, teatro e música, contando a história deste gênero musical tipicamente brasileiro. Com mais de 30 artistas em cena, o musical pode ser conferido nos dias 1, 2, 3, 8, 9 e 10 de dezembro, sempre às 19h30, no SESC Ginástico.

A vez de Minas

Depois do intercâmbio entre o público brasileiro e o teatro feito na Bahia e em Pernambuco, o *Festival do Teatro Brasileiro* desembarca no Rio de Janeiro mostrando um panorama do que está sendo feito nos palcos de Minas Gerais. Com o subtítulo *Cena Mineira*, o evento acontece entre os dias 12 e 28 de janeiro, com três apresentações no Teatro Glaucê Rocha, além de encenações no Largo da Carioca, na Feira de São Cristóvão e no Arpoador.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplausogbl.com.br. Diretora: Ivonete Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte); Simone Melamed (textos). Coordenadora de produção: Dani Albuquerque. Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Impressão: Sol Gráfica. Capa: Bia Sasso / divulgação

Daniela Pereira de Carvalho

Encontro à beira do abismo

“ A palavra do autor pode até ser a primeira. Mas jamais será a última. E esta é uma das especificidades que mais me estimulam no teatro: a vertigem de saber que o texto do qual (supostamente) sou a autora entrará em cena capturado, dividido, tomado de mim pelos atores. Nessa transposição, por maior que seja a obsessão do dramaturgo em manter-se fiel a si mesmo, à sua idéia primitiva, o controle da nau lhe fugirá das mãos. *O capitão saiu para o almoço e os marinheiros tomaram conta do navio.* Não obstante, a transformação da palavra escrita (impressa, grafada, estática) em espaço-tempo-carne-osso é uma das mais prazerosas experiências que um escritor de teatro pode viver – acredito que ela possa ser também catastrófica, o que, sem dúvida, é um motivo *justificável* para reações despropositadamente insanas.

Não é agradável ou desagradável. É, de fato, transformadora. Uma pessoa escreve um personagem e o impregna com sua visão própria do mundo. Outra pessoa, com uma série de coordenadas diante dos olhos, se transmuta nesse personagem, entrega-lhe



Daniela assina *Não existem níveis seguros para consumo destas substâncias*, em cartaz no Teatro Maria Clara Machado

seu rosto, sua voz e também sua visão própria de mundo. É um grande encontro à beira de um abismo. Mas o abismo não os divide, o abismo os cerca.

Tentando, ao mesmo tempo, domar e fortalecer meus próprios demônios, estou me tornando autora de teatro. A cada dia, um pouco mais. Nesse momento, em dezembro de 2006, mal tendo completado 29 anos, viajando pelos anéis em pleno retorno de Saturno, já assisti estrear dez peças que escrevi. Tentando pensar em alguma coisa para dizer sobre isso, só consigo dividir o mérito e o demérito de todas elas com os atores que as interpretaram. Eles deram corrente sanguínea e impulsos elétricos às palavras das quais me tornei autora. Uma interminável apropriação.”

IMPÉRIO



Poder, paixões e conspirações dão o tom do novo musical de Miguel Falabella

Por Simone Melamed

Ao assistir *Império*, pode até ser que você fique com uma pulga atrás da orelha, achando que cabulou alguma aula nos idos do colégio. Mas não há com o que se preocupar. Diante da versão bem-humorada que o espetáculo *Império* faz de fatos e eventos do passado do nosso País, é

bem capaz que até os professores de História fiquem com esta dúvida. Desde sua estréia no Teatro Carlos Gomes, a montagem – com direção e texto de Miguel Falabella, que também assina as letras das músicas – promete entrar para a história dos nossos grandes musicais ao recontar os bastidores

de um dos capítulos iniciais da história do Brasil: o primeiro reinado.

Pinceladas da Corte

“*Império* começou a nascer quando, numa livraria em Paris, me surpreendi com a quantidade de livros históricos sobre a França. Lembro de ter pensado que aquilo era uma parte fundamental no exercício de amar-se enquanto povo, sociedade e nação. Contar a própria história, lançar diversos olhares sobre o mesmo tema e falar de nosso passado são, a meu ver, a maneira mais rápida de se chegar ao coração das pessoas e recuperar um pouco da auto-estima perdida no correr dos anos. Isso tudo eu fui pensando na livraria e, quando voltei ao hotel, já sabia que queria escrever um musical sobre o primeiro reinado, visitando a corte e tentando entender, através da história, um pouco do caráter que nos forma hoje e que é determinante em nossa trajetória”, relembra Falabella.

E quem conduz o público nesta visita à corte, no papel de narrador, é o pintor Debret, o artista francês que retratou, em suas telas, a sociedade brasileira da época. Durante dois atos, que contabilizam duas horas e vinte de espetáculo, personagens históricos vão aparecendo em tramas rocambolísticas, que são um verdadeiro “lado B” do que se aprendeu nos livros escolares: do assassinato da esposa do Conde de São José, um dos amantes de Carlota Joaquina, à gravidez inesperada de uma bailarina francesa, com quem dom Pedro I mantinha uma relação extraconjugal, passando por outras intrigas de coxia, que já fazem parte das lendas em torno daquele governo.

Multiplicador

“Acredito na força lúdica dos musicais. Acho que o gênero descobre com mais rapidez o segredo do coração de seu público. Uma bela canção é capaz de mudar imediatamente nosso estado de espírito. Além disso, musicais sempre empregam muita gente e o trabalho desdobra-se, multiplica-se, gera subprodutos, o capital gira e o entorno se enobrece. O teatro precisa gerar trabalho, há que se renovar sempre o contingente, não só de atores, mas principalmente de técnicos, treinados nas manhas da cena. É assim que melhoramos. É assim que crescemos, enquanto povo, sociedade, nação”, finaliza o incansável Falabella, que também responde pela gestão da rede municipal de teatros do Rio.

Currículo

A superprodução – que tem músicas, arranjos e direção musical de Josimar Carneiro – conta com uma orquestra e 22 atores em cena, que já têm um vasto currículo no reino dos musicais, como Stella Miranda: protagonista de “South American Way”, de Falabella, ela interpreta ninguém menos do que a controvertida Carlota Joaquina). Sandro Christopher, que já foi a Geni da Ópera do Malandro, interpreta D. João VI. E Cláudia Netto, uma das precursoras, ao lado de Cláudio Botelho, desta nova era dos musicais, faz o papel de Gertrudes Pedra, esposa oficial do amante de Carlota Joaquina.

Hedda Gabler

Com tradução de Rubem Fonseca, clássico de Ibsen é encenado no Brasil, 20 anos depois de sua aplaudida primeira montagem

Por Simone Melamed

Um dos pensadores mais expressivos da nossa cena teatral, o crítico e escritor Sábato Magaldi declarou certa vez que o teatro brasileiro era um patriarcado. Para exemplificar, ele lembrou Cacilda Becker, o grande destaque do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia); Maria Della Costa e a companhia que levava seu nome; e Fernanda Montenegro, a estrela do *Teatro dos Sete*. Com o passar dos anos, muitos outros nomes femininos foram se agregando à lista, confirmando a tradição de mulheres que arregaçam as mangas para poder mostrar a sua arte. Ago-



ra, Virgínia Cavendish ratifica a tendência diagnosticada por Magaldi, co-produzindo e protagonizando a peça *Hedda Gabler*, o clássico do norueguês Henrik Ibsen, que estréia no dia 20 de dezembro no Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

Curiosamente, foi a partir de um bate-papo informal com uma das pioneiras citadas acima que Virgínia reativou o seu lado empreendedor e começou a conceber a atual montagem. “Eu e a Fernanda falávamos sobre teatro e sobre a real necessidade de uma atriz produzir para construir uma carreira sólida. No meio da conversa, ela me perguntou se eu conhecia o texto *Hedda Gabler* e disse que eu tinha um quê de Hedda. Não encontrei nenhuma tradução brasileira, mas achei o texto em inglês. Li e senti que o meu corpo de atriz tinha encontrado uma alma para vestir”, lembra Virgínia, que convidou Walter Lima Júnior para dirigi-la, reeditando a parceria iniciada com a peça *Comendo entre as refeições*.

Dicotomia

“*Hedda Gabler* é um dos grandes acontecimentos do teatro moderno. A personagem prova que a alma humana não é linear, que podemos amar e odiar ao mesmo tempo. Hedda é estranha e dúbia. Não é romântica. Compreender esta peça é compreender a si mesmo”, comenta o diretor, que contabiliza uma extensa e carreira cinematográfica com filmes como *O Monge* e *a Filha do Carasco* e *A Ostra e o Vento*. “O Walter é um cúmplice fundamental neste trabalho, me ajudando na busca dos caminhos interiores do personagem. Porque a história interior

que está sendo vivida é a verdadeira história que a gente quer contar”, observa a atriz. No elenco também estão Ivone Hoffman e Charles Fricks.

A história gira em torno de Hedda, um dos grandes personagens femininos da dramaturgia do século 19. Depois de voltar de uma lua-de-mel de seis meses, ela se vê num mundo e num casamento em que não desejava estar, mas não encontra força para viver a vida que gostaria. Assim, munida de um explosivo conflito interior e de uma ironia sofisticada, passa a aniquilar tudo a sua volta, inclusive a si mesma, minando todas as possibilidades de um futuro. “Ela representa o medo do ser humano de tentar ir atrás de seus desejos. Todo mundo tem um pouco de Hedda Gabler dentro de si”, diz Virgínia.

Palavras de Dina Sfat

A primeira montagem de “*Hedda Gabler*”, no Brasil, aconteceu em 1982, com a inesquecível Dina Sfat à frente do elenco e atuando, também, como produtora. Em seu penúltimo espetáculo, ela dividiu o palco com Francisco Cuoco, Otávio Augusto, Cláudio Marzo, Norma Geraldly e Xuxa Lopes, com texto traduzido por Millôr Fernandes. Na época, Dina declarou que “*Hedda Gabler* é uma mulher fascinante e extremamente cruel, reprimida e que passa a reprimir os outros. A gente tem horror a ela: é grossa, incômoda, mas ao mesmo tempo é fascinante, bonita, inteligente e tem senso de humor. Dá a volta completa. Fazer essa mulher me dói o pescoço”.



**Musical
reverencia um
dos grandes
mitos do
teatro musical
brasileiro**

Aracy Cortes

a rainha da Praça Tiradentes

Ela era ousada, irreverente, atrevida e desbocada. Uma “pimenta em forma de mulher”, como era chamada na época do seu apogeu artístico. Mas mesmo com um timbre e uma personalidade tão peculiares – traduzidos em outros apelidos como “Voz de Ouro” e “Lábios de Mel” – uma das grandes estrelas do nosso Teatro de Revista acabou sendo esquecida com o passar dos anos. Agora, para fazer justiça à memória do cancionero nacional, seu

nome volta ao palco com o espetáculo *Aracy Cortes, A Rainha da Praça Tiradentes*, que acaba de estreiar no Teatro Vannucci.

“A Aracy era uma grande heroína. Uma artista, uma estrela da nossa arte brasileira. Hoje ela é tão pouco divulgada que quisemos fazer esse resgate. Como homem de Teatro e um árduo guerreiro, queria que o público jovem conhecesse esta heroína dos anos 20, ainda mais neste momento em que os musicais estão tão em voga”, explica Rogério Fabiano,

que divide a função, neste espetáculo, com Cláudio Lins, um estreante neste papel.

Com uma banda ao vivo, a peça entrelaça passado e presente, para reviver os momentos mais marcantes da vida e da carreira da “Rainha da Praça” – numa alusão à Praça Tiradentes, onde se concentravam os espetáculos musicais da época – que terminou seus dias no ostracismo e com sérias dificuldades financeiras. Baseado em fatos reais, o espetáculo começa com Aracy e J. Maia – o contra-regra e fiel escudeiro, que lhe dá abrigo e proteção no final da vida – numa burocrática fila, tentando pleitear uma aposentadoria para a atriz. Enquanto isso ele vai contando para a funcionária quem de fato é aquela singular idosa que está à sua frente.

Divisor de águas

Nascida Zilda de Carvalho Espindola, a futura Aracy fez sua estréia artística aos 17 anos, no *Circo Democrático* da praça da Bandeira, onde cantava e dançava maxixes. A veia cômica acabou lhe rendendo o primeiro convite para atuar num espetáculo teatral – no total, ela esteve à frente de mais de 300 revistas. Foi também pioneira ao levar o samba para os palcos, sendo a primeira a gravar composições de nomes como Noel Rosa, Pixinguinha, Ary Barroso e Sinhô, com a sua famosa interpretação da música *Jura*, que ela lançou na revista *Microlândia*.

“Ela era uma mulher de fibra e carisma. Muito geniosa e sem papas na língua, mas com um talento fenomenal. Aonde ela chegava, atraía o foco para si. Nós temos alguns depoimentos, durante o espetáculo,

em que pessoas como Dercy Gonçalves, Carvalhinho e Agildo Ribeiro dizem que ela foi um divisor de águas na vida deles. A Carmen Miranda também era fã incondicional da Aracy e dizia que se inspirou muito nos trejeitos de mãos e pés dela”, revela Rogério Fabiano, destacando a atuação de Marília Barbosa no papel de Aracy, e de Beth Lamas e José Mauro Brant que se dividem entre 10 a 12 personagens cada um”.



Jura

(Sinhô)

Jura, jura, jura
pelo Senhor
Jura pela imagem
da Santa Cruz do Redentor
pra ter valor a tua jura
jura, jura
de coração
para que um dia
eu possa dar-te o amor
sem mais pensar na ilusão

Daí então dar-te eu irei
o beijo puro da catedral do amor
Dos sonhos meus, bem junto aos teus
para fugirmos das aflições da dor

Amazônia, vida e mistério

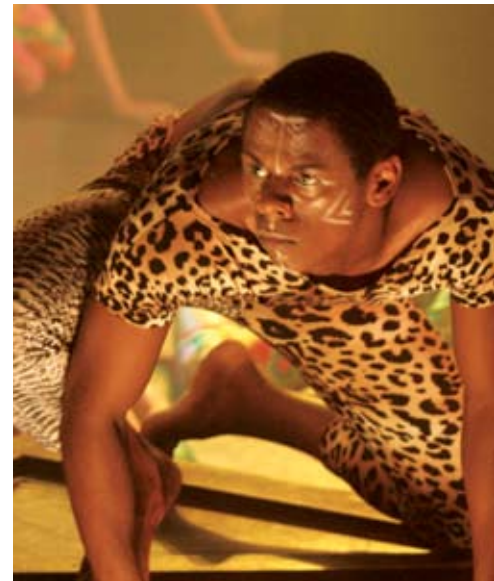


Cia. Aplauso
estréia nova
montagem
numa viagem
emocionante
pelos
recônditos
da selva
amazônica

Por Simone Melamed

Gigante pela própria natureza é uma daquelas definições que se encaixam como luva quando se fala na Região Amazônica. Nada mais justo que este pedaço sublime do Brasil ganhasse um hino de louvor aos seus encantos com a montagem do espetáculo *Amazônia: vida e mistério*, que a Cia Aplauso apresenta no Espaço Cultural Sérgio Porto, em horário nobre, durante o mês de dezembro. O grupo é cria do projeto social *Talentos da Vez*, que tem o patrocínio da Petrobras S/A e conta com o apoio da Prefeitura da Cidade do Rio, das DOCAS do Rio de Janeiro e da Revista **Aplauso**.

>>





Conhecimento de causa

No processo de composição do espetáculo, os integrantes da companhia mergulharam em estudos sobre a Região Amazônica e o compositor Villa-Lobos. “Antes de ser ator, queria ser biólogo, me preocupava com a fauna e a flora e sempre me mantinha informado. Achei boa esta escolha de falar sobre o Brasil, mas com um tema universal. Estamos saindo deste contexto do trabalho social, com jovens carentes falando sobre seu cotidiano no Rio. Agora a coisa é mais ampla”, reflete Gilson Carlos, 20 anos, morador na comunidade Cesarão, em Paciência, que interpreta a lenda do Uirapuru na peça e, ultimamente, anda encantado pela *Tocata da Bachianas Brasileiras*

nº 2, mais conhecida como *O Trenzinho do Caipira*. “A gente sempre ouve falar que a Amazônia é o pulmão do Brasil. A Portela, em 2004, desfilou com um enredo da década de 70 que falava sobre as lendas e os mistérios da Amazônia, mas só agora estou conhecendo mais sobre o assunto”, diz César Calixto, 25 anos, residente na comunidade Largo do Sapê, em Rocha Miranda. Ele, a partir do trabalho da trupe, já conseguiu alçar outros vôos artísticos, como a participação na novela *Cobras e Lagartos* e a gravação de alguns episódios do programa *Linha Direta*, sem contar com o longa-metragem *Tropa de Elite*, do diretor José Padilha.

>>

>> “O teatro é a arte das possibilidades, onde você pode mostrar alguma coisa, denunciar, rever. Como há dois anos estive na floresta amazônica rodando alguns episódios do *Sítio do Pica-pau Amarelo*, da Rede Globo, vi que existe uma má compreensão se a Amazônia é nossa ou não. Os americanos chegam lá e dizem que é deles, os europeus dizem que pertence ao mundo, mas a Amazônia é nossa!”, diz Cininha de Paula, diretora artística da companhia composta por 50 jovens de 33 comunidades de baixa renda.

mão de técnicas de teatro, circo, música e dança para, em diferentes quadros, mesclar fantasia e realidade, relembando lendas amazônicas e seres mitológicos como o Boto, a lara e o Uirapuru, e trazendo o imaginário e a cultura indígena ao palco, sem deixar de pontuar questões relevantes e apontar conflitos que afligem a área.

“Ouvei muitas histórias interessantes quando estive por lá. Tem muita miséria, muita fome, gente que tem de ficar duas horas num barco para poder ir à escola. Queria falar sobre a prostituição no porto de Manaus, sobre a batalha do Chico Mendes e dos seringueiros para preservar a nossa borracha. Queria falar sobre o escravagismo que continua, porque houve a abolição para os negros, mas ainda tem muita escravidão por lá. Sobre o roubo dos pássaros da nossa floresta tropical. Esta floresta é mágica e nós

Fantasia e realidade

Embalado por canções de Heitor Villa-Lobos – que teve sua obra profundamente marcada após conhecer a região – e outros compositores que usaram o coração da selva como inspiração, além de músicas do cancionero amazônico, o espetáculo lança



A Amazônia é nossa!

Trecho do espetáculo lembrando um depoimento do senador Cristovam Buarque sobre a internacionalização da Amazônia, durante um debate nos Estados Unidos.

“De fato, como brasileiro eu simplesmente falaria contra a internacionalização da Amazônia. Por mais que nossos governos não tenham o devido cuidado com esse patrimônio, ele é nosso. Como humanista, sentindo o risco da degradação ambiental que sofre a Amazônia, posso imaginar a sua internacionalização, como também de tudo o mais que tem importância para a humanidade. (...) Antes mesmo da Amazônia, eu gostaria de ver a internacionalização de todos os grandes museus do mundo. O Louvre não deve pertencer apenas à França. Cada museu do mundo é guardião das mais belas peças produzidas pelo gênio humano. (...) Se os EUA querem internacionalizar a Amazônia, pelo risco de deixá-la nas mãos de brasileiros, internacionalizemos todos os arsenais nucleares dos EUA. Até porque eles já demonstraram que são capazes de usar essas armas, provocando uma destruição milhares de vezes maior do que as lamentáveis queimadas feitas nas florestas do Brasil. (...) Como humanista, aceito defender a internacionalização do mundo. Mas, enquanto o mundo me tratar como brasileiro, lutarei para que a Amazônia seja nossa. Só nossa!”.

estamos invadindo o espaço dela. Enfim, fui dando todas essas idéias e a Claudia Ricart (diretora assistente) fez o roteiro”, relembra Cininha, que coincidentemente descende de uma bisavó índia, do Maranhão.

Turnê na Alemanha

“Assistimos a um trecho do espetáculo no *Galpão Aplauso* e achamos que seria um bom momento, com o amadurecimento da companhia, de dar esta oportunidade para eles se apresentarem na zona sul, em horário nobre. Com isto, acho que o Sérgio Porto encerra o ano com chave de ouro”, afirma Tatyne Lauria, que divide a direção do espaço cultural do Humaitá com Gabriela Saboya. “O Sérgio Porto é uma referência de teatro contemporâneo e eles estão se apresentando de igual para igual. Esta inserção no mercado é fundamental, e o público pagante não vai olhar se é um projeto social ou não, mas se o espetáculo é bom”, reflete Gabriela.

E da zona sul carioca a trupe parte diretamente para o exterior, com compromissos



já agendados para o ano que vem. “A companhia foi convidada para participar de uma turnê na Alemanha, pelo Instituto BurgerStiftung, com sede em Hamburgo. Durante setembro e outubro, eles vão participar de um festival de teatro pelas principais cidades daquele país. Depois desta temporada no Sérgio Porto, já começamos com a produção da viagem, tirando passaporte para os integrantes da companhia, que nunca viajaram de avião, e preparando as malas e o enxoval”, conta com orgulho Ivonette Albuquerque, diretora executiva do grupo e a grande mola propulsora por trás deste projeto.

A direção musical de *Amazônia: Vida e Mistério* é de Mestre Riko e Jorge Luis Cardoso. Músico: Diogo Prince. Cristina Novaes assina a cenografia e o figurino. Paulo César Medeiros responde pela iluminação. Eduardo Gomes faz a coreografia de dança. Luciana Belchior, a de acrobacia.

Sobre a Companhia Aplauso...

“Eu, que acompanho o trabalho da companhia Aplauso desde o primeiro suspiro, percebo um salto qualitativo enorme. Eles estão mais maduros, profissionais e com um espetáculo muito mais bem acabado. Isto é fruto de um trabalho diário, com afinco, e o crescimento deles é lindo e comovente.”

Flávio Marinho, dramaturgo e diretor teatral

“Para o meu deslumbramento absoluto, ao buscar talentos este projeto promove a inclusão – quando mostra uma opção e forma profissionais – e atua buscando diminuir a violência e a criminalidade, já que lida com jovens de comunidades de risco. Este projeto resgata a auto-estima deles e ensina que a mesa do homem e da mulher precisa ter não só o pão, mas a rosa e o vinho.”

Denise Frossard, juíza e ex-candidata ao governo do Rio

“A Companhia está se profissionalizando e amadurecendo, o que faz brotar uma quantidade enorme de lideranças artísticas de grande riqueza no canto, na dança, na dramaturgia e no circo. O espírito de grupo da Companhia, com o grande número que temos de talentosos solistas, vai ser o nosso grande diferencial. O que também ajuda no crescimento e no resultado surpreendente da Companhia é a introdução de um conteúdo humanista avançado, como aulas de história da arte, direitos humanos e cidadania, literatura, ciência, história e filosofia. É um investimento na formação cidadã, intelectual e cultural desses jovens.”

Ivonette Albuquerque, diretora executiva da Cia Aplauso



Besouro cor d'ão de ouro

No CCBB, a história do maior capoeirista de todos os tempos



Abençoado pelo Exu Kerekekê dos candoblés, o musical *Besouro Cordão de Ouro* risca seu ponto a partir de 15 de dezembro no Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), levando para o centro do gongá a história de Manuel Henrique Pereira, o Besouro Mangangá, maior capoeirista de todos os tempos da Bahia. Assinado por Paulo César Pinheiro, um dos grandes poetas da nossa MPB, o espetáculo, com direção de João das Neves, abre alas para a estréia do compositor como dramaturgo.

“O Paulo César Pinheiro teve o cuidado de humanizar a figura de Besouro sem mitificá-lo. O espetáculo é importante para o reconhecimento da cultura negra, resgatando essas figuras tidas como desordeiras e retratando-as com sua verdadeira face. Mostra mais profundamente a complexidade das relações dos descendentes de escravos e a sociedade brasileira. O musical, no fundo, resgata todas as etnias brasileiras e a forma de resistir com altivez”, observa o diretor.

Roda de Atabaques

A montagem faz uma homenagem a esta lendária figura que, conforme descreveu Jorge Amado no livro *Mar Morto*, era “o mais valente dos negros do cais, que derramou sangue, esfaqueou, atirou, lutou capoeira

e foi morto perto dali, à traição, em Maracangalha, cortado todinho de facão”. Foi a leitura deste romance que despertou a atenção do autor para o personagem, retratado na música *Lapinha*, que ele compôs em parceria com Baden Powell, nos anos 60. “Quando eu morrer, me enterre na Lapinha / Calça, culote, paletó almofadinha / Adeus Bahia, zum-zum-zum / Cordão de ouro / Eu vou partir porque mataram meu besouro”.

Para relembrar a trajetória e as façanhas do Besouro – sinônimo de ousadia, destreza e criatividade – o palco se transforma numa roda de atabaques, berimbaus e caxixis, sob o comando musical de Luciana Rabello. Recheada de composições inéditas, a peça relembra também um trecho de um samba composto pelo próprio capoeirista e retomado por Noel Rosa na música *Fita Amarela*. “Quando eu morrer / não quero choro nem vela / quero uma fita amarela / gravada com o nome dela.”

Em cena, o elenco é todo composto por atores negros, que foram escolhidos em *workshops* realizados no próprio CCBB: Anna Paula Black, Cridemar Aquino, Iléa Ferraz, Raphael Sil, William de Paula, Wilson Rabelo, Maurício Tizumba e Sérgio Pererê. Os dois últimos são músicos e artistas de destaque na cena mineira, e vieram especialmente de Belo Horizonte para atuar no espetáculo.

A ALMA IMORAL

Adaptação do livro homônimo do rabino Nilton Bonder, com reflexões sobre a tradição e a traição. Adaptação e interpretação: Clarice Niskier. Supervisão: Amir Haddad. **Teatro Leblon** (Rua Conde Bernadotte 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Terça e quarta, 21h. R\$ 30. Até 20/12.

A GAIVOTA

Investigação teatral sobre uma das mais famosas obras do autor russo, que se tornou um dos pilares da dramaturgia moderna. Texto: Anton Tchekhov. Direção: Enrique Diaz. Com Emílio de Mello, Gilberto Gawronski e Mariana Lima. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. A partir de 6/12.

A GENTE SE AMA

A vida a dois é dissecada em esquetes cômicos. Texto: Pierre Palmade e Muriel Robin. Direção: Flávio Marinho. Com Alice Borges e Marcelo Saback. **Casa de Cultura Laura Alvim/Espaço Rogério Cardoso** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2299-5583. Quinta a sábado, 21h. Dom, 20h. Quinta, sexta e domingo, R\$ 25. Sábado, R\$ 30. Até 17/12.

A MENTIRA

Nesta história inédita nos palcos brasileiros, Nelson Rodrigues dá a dimensão de sua complexidade em um enredo de tirar o fôlego. Direção: Caco Coelho. Com Nuno Leal Maia, Denise Del Vecchio, Monique Alfradi-

que e atores do *Circo de Estudos Dramáticos*. **Fluminense Football Club** (Rua Álvaro Chaves, 41, Laranjeiras). Fone: 2553-7138. Até 19/12.

A RATOEIRA

Clássico da dramaturgia inglesa, com uma trama cheia de mistérios assinada pela mestra Agatha Christie. Direção: João Fonseca. Com Gabriel Gracindo, Débora Duarte e Tonico Pereira. **Teatro Leblon / Sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta a domingo, 21h. Quinta e sexta, R\$ 40. Sábado, R\$ 50. Domingo, R\$ 45. Até 30/12.

AI, QUE SAUDADES DO LAGO!

O musical revive a época, o modo de vida e as inúmeras faces do artista Mario Lago, no ano em que ele estaria completando 95 anos. Texto: Marcos França. Direção: Joana Lebreiro. Com Claudia Ventura, Marcos França, Alexandre Dantas. **Teatro Café Pequeno** (Avenida Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Quinta a domingo, 20h. R\$ 25. Até 17/12.

AMAZÔNIA: VIDA E MISTÉRIO

Nova montagem da *Cia Aplauso*, em que o circo, o teatro, a música e a dança se unem para mergulhar no imaginário amazônico, sem esquecer de questões relevantes que afligem a região. Texto: Claudia Ricart. Direção: Cininha de Paula. Com a *Cia Aplauso*. **Espaço Cultural Sérgio Porto**



(Rua Humaitá 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. Sextas e sábados, 21h, domingos, 20h.

ARACY CORTES, A RAINHA DA PRAÇA TIRADENTES

Musical faz uma homenagem à ousada e irreverente Aracy Cortes, uma artista que marcou os anos de ouro do Teatro de Revista Brasileiro. Texto: Alexandre Guimarães. Direção: Rogério Fabiano e Cláudio Lins. Com Marília Barbosa, Beth Lamas e José Mauro Brant. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º piso, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta, 17h. Sexta e sábado, 19h. Domingo, 21h30.

BESOURO CORDÃO-DE-OURO

Estréia do poeta da MPB no universo teatral, fazendo uma homenagem musical ao maior capoeirista de todos os tempos da Bahia. Texto, músicas e letras: Paulo César Pinheiro. Direção: João das Neves. Com Anna Paula Black, Maurício Tizumba e Sérgio Pererê. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro III** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R\$ 10. A partir de 15/12.

CARLOS MACHADO – O REI DA NOITE

Com vinte atores em cena, o musical faz uma homenagem a Carlos Machado, precursor do teatro musical feito no Brasil. Texto e direção: Paulo Afon-

so de Lima. Com Marcelo Augusto, Elisabeth Gasper, Ângelo de Mattos. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632 – Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R\$ 25. Até 17/12.

CASADÍSSIMA

Companhia gaúcha traz aos cariocas sua visão humorada das situações que envolvem um casamento. Texto: Renata Peppl. Direção: Tiago Melo. Com a cia *Tem inço na coxia*. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. Quinta e sexta, R\$ 30. Sábado e domingo, R\$ 35. Até 17/12.

CORA CORALINA CORAÇÃO ENCARNADO

Espectáculo teatral criado a partir da obra poética de Cora Coralina, levando o universo da escritora goiana para os palcos. Pesquisa e roteiro: Renata Roriz. Direção: Orã Figueiredo. Com Rita Elmor, Renata Roriz e Rafaela Amado. **Centro Cultural Justiça Federal** (Av. Rio Branco 241, Centro). Fone: 3212-2565. Quinta a domingo, 20h. Quinta e domingo, R\$ 15. Sexta e sábado, R\$ 20. Até 17/12.

CURTAS

Esquetes satirizam a tudo e a todos: da milionária recém-operada à adolescente inconformada. Texto: Samantha Schmutz, André Frazzi e Gustavo Damasceno. Direção: Leandro Hassum.

Com Samantha Schmutz. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274 9895. Sábado e domingo, 20h. R\$ 35.

E AGORA, O QUE FAÇO COM O PERNIL?

Casal de idosos faz um acerto de contas, depois de toda uma vida juntos. Texto: Regina Helena de Paiva Ramos. Direção: Jacqueline Laurence. Com Rosamaria Murtinho, Mauro Mendonça, Zulma Mercadante e Bruna Di Túlio. **Teatro Leblon / Sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Sexta e sábado, 19h. Domingo, 18h. R\$ 40.

ESSA NOSSA JUVENTUDE

A peça mostra as 48 horas na vida de três jovens, sufocados por uma cultura com valores calcados no dinheiro e no sucesso. Texto: Kenneth Lonergan. Direção: Maria Luisa Mendonça. Com Caio Blat, Cauã Reymond, Frank Borges, Simone Spoladore e Maria Luisa Mendonça. **Teatro Leblon / Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta, 21h. Sexta e sábado, 23h30. Domingo, 22h30. Quinta e sexta, R\$ 35. Sábado e domingo, R\$ 40. Até 17/12.

HEDDA GABLER

Considerada a última grande peça experimental realista do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen. Direção: Walter Lima Jr. Com Virgínia Cavendish,

Charles Fricks e Ivone Hoffman. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro I** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h30. R\$ 10. A partir de 20/12.

IMPÉRIO

Comédia musical relembra um período da história brasileira, de uma forma que nunca foi contada nas escolas. Texto e direção: Miguel Falabella. Direção musical: Josimar Carneiro. Com Stella Miranda, Sandro Christopher e Claudia Netto. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes s/n). Fone: 2232-8701. Quinta e sexta, 19h. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R\$ 25.

INTRÉPIDA TRUPE - 20 ANOS

Espectáculo de repertório, com os números mais marcantes dos trabalhos do grupo nas últimas duas décadas, como *Kronos*, *Intrepidez* e *Sonhos de Einstein*. **Conjunto Cultural da Caixa - Teatro Nelson Rodrigues** (Av. Chile, 230, Centro). Fone: 2262-5483. Sábado e domingo, 19h30. R\$ 25.

JOSÉ, É AGORA?

Espectáculo solo sobre pai de família que é atingido por uma bala perdida ao voltar do trabalho, no dia do seu aniversário. Texto e interpretação: Cadu Fávero. Direção: Leonardo Brício. **Teatro Livre / Fundação Progresso** (Rua dos Arcos, 24 - Lapa). Fone: 2533-0224. Quinta a domingo, 20h30. R\$ 20,00.



LARGANDO O ESCRITÓRIO

Dois casais alugam uma casa de verão, mas quando um dos maridos resolve deixar o escritório, revelações vêm à tona, transformando de vez os quatro personagens. Texto e direção: Domingos Oliveira. Com Marcelo Escorel, Dedina Bernardelli, Priscilla Rozembaum, Ricardo Kosovski e Domingos Oliveira. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º. Andar, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. Quinta, R\$ 40. Sexta e domingo, R\$ 45. Sábado, R\$ 50. Até 17/12.

LEITOR POR HORAS

A literatura serve como espelho para um curioso triângulo de relações entre uma moça cega, seu pai e um homem contratado para ler para ela. Texto: José Sanchis Sinisterra. Direção: Christiane Jatahy. Com Ana Beatriz Nogueira, Sebastião Vasconcelos e Luciano Chirulli. **Teatro Villa-Lobos / Espaço 3** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. Até 17/12.

LOUKUT

Comédia interativa que retrata valores e comportamentos de um site de relacionamentos da Internet. Texto: Mareliz Rodrigues. Direção: Cláudio Galvan. Com Mareliz Rodrigues, Carol Nassif, Édio Nunes e Cláudio Galvan. **Centro Cultural Suassuna** (Av. das Américas,

2603, Barra). Fone: 2439-8002. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$ 20. Até 17/12.

MADEMOISELLE CHANEL

Marília Pêra faz a estilista que dá nome ao espetáculo e revolucionou a moda do século 20. Texto: Maria Adelaide Amaral. Direção: Jorge Takla. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2544.2533. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 18h. R\$ 100._

MINHA MÃE É UMA PEÇA

Sozinha em cena, a personagem Dona Hermínia sintetiza, com muito humor, a alma das mulheres de meia idade, aposentadas e sozinhas, cuja maior preocupação é procurar o que fazer. Texto e interpretação: Paulo Gustavo. Direção: João Fonseca. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 20. Até 17/12.

NÃO EXISTEM NÍVEIS SEGUROS PARA CONSUMO DESTAS SUBSTÂNCIAS

Numa repartição pública, seis funcionários tentam dar sentido às suas vidas burocratizadas em todas as áreas. Texto: Daniela Pereira de Carvalho. Direção: Tato Consorti. Com Maria Maya, Liliana Castro, Xuxa Lopes. **Teatro Maria Clara Machado** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Sexta e sábado, 21h.



Domingo, 20h. R\$ 20. Estudantes, idosos e classe artística pagam meia. Até 17/12.

NÓS NA FITA

Esquetes bem-humorados em cima de pequenas situações cotidianas. Texto: Marcius Melhem. Direção: Alexandre Régis. Com Marcius Melhem e Leandro Hassum. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274 9895. Quinta a domingo, 21h30. Quinta, sexta e domingo, R\$ 40. Sábado, R\$ 50. Até 17/12.

O SEGREDO SEXUAL DE GLÓRIA

Livrementemente inspirado no universo de Nelson Rodrigues, a peça conta a história de uma menina a partir de seus segredos mais íntimos e picantes. Texto: Bruno Rodrigues. Com a *Cia Sopro do Ator*. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 231h. R\$ 20. Até 16/12.

OS HOMENS SÃO DE MARTE ... E É PRA LA QUE EU VOU

Fernanda, jornalista solteira, relata seus conflitos na busca de um grande amor. Texto e atuação: Mônica Martelli. Direção: Victor Garcia Peralta. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º piso, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R\$ 35. Sexta e domingo, R\$ 40. Sábado, R\$ 45.

QUARTETT

Adaptação da famosa obra de Choderlos de Laclos, *Ligações Perigosas*. Em cena, dois amantes participam de um jogo de poder e sedução, que os conduz à falência moral e afetiva. Texto: Heiner Müller. Direção: Victor Garcia Peralta. Com Beth Goulart e Guilherme Leme. Oi Futuro (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131-1227. Sexta a domingo, 19h30. R\$ 10.

RENATO RUSSO, A PEÇA

Dez anos depois de deixar órfã uma legião de fãs, Renato Russo recebe este tributo onde sua vida e obra são lembrados, num monólogo acompanhado por uma banda de rock ao vivo. Texto: Bruce Gomlevsky e Daniela Pereira de Carvalho. Direção: Mauro Mendonça Filho. Com Bruce Gomlevsky. **Teatro Cultural dos Correios** (Rua Visconde de Itaboraí 20, Centro). Fone: 3286-8620. De quinta a sábado, 19h30. Domingo, 19h. R\$20,00. Até 17/12.

TERAPIA DO RISO

Um trio de atores entra em cena trazendo em malas vários personagens, que vão vestindo ao longo da peça, em transformações à vista do público. Texto e atuação: Carlos Alexandre, Hellen Suque e Israel Linhares. Direção: Anja Bittencourt. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. Quinta e sexta, R\$ 35. Sábado e domingo, R\$ 40.

A peça termina, as cortinas se fecham, mas o programa continua

Cláudia E.



Charque com caipirinha

Após assistir *Amazônia, Vida e Mistério*, espetáculo da Cia Aplauso em cartaz Teatro Sergio Porto, uma ótima sugestão é jantar na **Academia da Cachaça**, que depois da reforma ficou maior e com nova decoração – mas a comida, tipicamente brasileira, mantém-se inalterada, boa como antes. Peça um arrumadinho de charque, que é tudo de bom, e acompanhe com caipirinha feita com as inúmeras cachaças que a casa oferece. Com certeza será um belo fim de noite.

Rua Conde Bernadotte, 26, Leblon, tel.: 2529-2680

Magret de pato

Não perca a peça *Hedda Gabler*, no CCBB, e para conversar sobre a primeira montagem feita há 20 anos com a inesquecível Dina Sfat, vá ao **São Sebastião**, no Leme. O lugar é charmoso, pequeno, tem ares dos anos 60 e comida típica dos bistrôs parisienses. Peça um magret de pato com péras ao vinho tinto e alho-poró, e de entrada vá de champignons provençal. Você se sentirá num daqueles bistrozinhos simpáticos de Paris, com a diferença que o chef é realmente supersimpático e a conta vem em reais...

Rua Gustavo Sampaio, 361, Leme, tel.: 2541-5585



O melhor risotto

Veja a nova montagem da peça *A Gaiivota*, no Teatro Poeira, e aproveite para jantar no **Gero** deliciando-se com um espetacular risotto: o restaurante é famoso pelo prato. Só não peça o de trufas brancas, pois pode se arrepender amargamente - não pelo sabor, que é magistral, mas pelo preço. As trufas brancas, importadas de Alba, na Itália, custam a bagatela de 4.400,00 euros o quilo. Caso o saldo no banco não seja um problema, aproveite, pois é um dos melhores pratos da temporada.

Rua Aníbal de Mendonça, 157, Ipanema, tel.: 2239-8158



Anjos do picadeiro

Encontro internacional de comicidade faz um brinde ao riso, transformando o Rio de Janeiro num picadeiro a céu aberto

Por Simone Melamed



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Entre os dias 4 e 10 de dezembro, vai ter espetáculo? Vai, sim, sinhô! Vai ter marmelada? Vai, sim, sinhô! E o palhaço o que é? “É um repórter do seu tempo, que quer transformar o mundo em algo melhor”, afirma sem titubear João Carlos Artigos, um dos fundadores do premiado grupo *Teatro de Anônimo*, que pela quinta vez promove uma invasão do riso pelas ruas da cidade, com o festival *Anjos do Picadeiro*, na Fundação Progresso. Neste ano, além de reunir mais de 200 palhaços – provenientes dos mais diferentes lugares, tanto do Brasil quanto do exterior – o evento comemora os 20 anos de trabalho da companhia.

“O *Anjos do Picadeiro* surgiu da necessidade do *Teatro de Anônimo* de criar um espaço de discussão sobre a arte da palhaçaria. Isto foi em 1996, quando estávamos completando dez anos. Pensamos que, para comemorar, poderíamos fazer um encontro para a troca e o aprofundamento sobre a nossa arte. De lá para cá, tudo se transformou numa coisa que não podíamos



imaginar, com muitas pessoas pesquisando e querendo participar”, diz o ator-palhaço.

Cardápio variado

A maratona cômica será aberta pelos humoristas José Vasconcellos e Luiz Miranda, representantes de duas diferentes gerações, e durante uma semana o público vai se divertir com espetáculos, intervenções urbanas, aulas, oficinas e mesas redondas. O cardápio é variado, indo desde o tradicional palhaço de circo até a interseção entre a técnica de clown contemporânea e a dança japonesa Butoh, com direito a apresentações de uma tribo indígena do Tocantins. “Existem índios da tribo Krahô que nascem com esta função primordial dentro da comunidade: o de fazer rir. Ele é preparado para desempenhar esta função, que é tão respeitada quanto a de um pajé”, conta Artigos.

>>



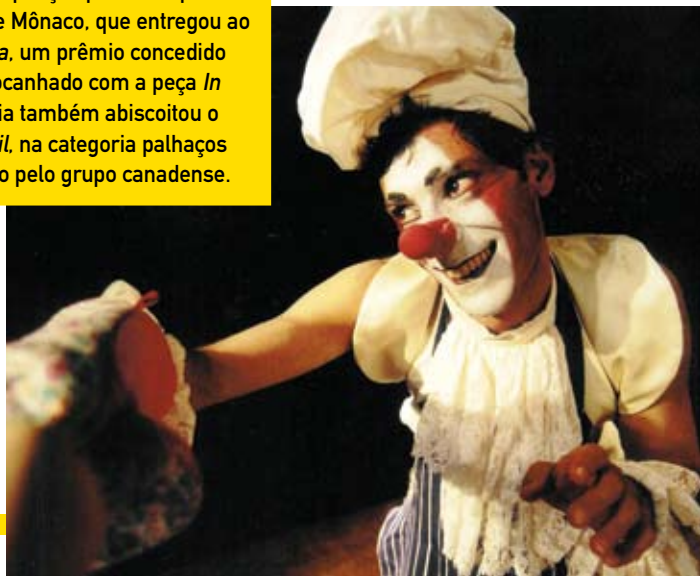


Um outro destaque é a realização de uma “palhaceata”, que reunirá os participantes num cortejo entre o Largo do São Francisco e a Praça XV, no Centro do Rio. Durante o percurso, os comediantes vão promover uma espécie de descarrego na cidade, munidos de um defumador gigante e uma máquina de lançamento de pipocas, que promete renovar a energia dos cariocas, que já começam a se preparar para a entrada de um novo ano. Aliás, no que depender desses ícones do humor, 2007 vai ser cheio de graça, em todos os sentidos!



Teatro de Anônimo

Além de realizar o festival internacional *Anjos do Picadeiro*, o *Teatro de Anônimo* faz sucesso há duas décadas, dentro e fora do país, com espetáculos como *Gira Vida* e *Almas Berrantes*. Este ano, o grupo esteve no *FestClown* de Montecarlo, numa competição presidida pela princesa Stephanie de Mônaco, que entregou ao grupo o *Nariz de Prata*, um prêmio concedido ao segundo lugar, abocanhado com a peça *In Concerto*. A companhia também abiscoitou o *Troféu Cirque du Soleil*, na categoria palhaços de picadeiro, conferido pelo grupo canadense.



NÃO PERCA

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

A alma imoral

“O espetáculo cumpre com a função de fazer você entrar de um jeito no teatro e sair de outro. O espírito dá uma alongada com esta peça. Saí com seis metros de altura, com a alma, imoralmente, lavada.”

Christine Fernandes, atriz

A gente se ama

“Amei a peça *A gente se ama*, com a Alice Borges e o Marcelo Saback. É para divertir, para você sentar e dar risada. São vários casais em situações que podem ser vividas em qualquer lugar do mundo. Entretenimento puro!”

Helena Fernandes, atriz



Leitor por horas

“Adorei! A direção é muito sensível e o trabalho dos atores é excelente, principalmente o da Ana Beatriz Nogueira, que é cheio de nuances e inesquecível. Não é por acaso que ela está indicada para o *Primeiro Prêmio Eletrobrás de Teatro*, na categoria atuação feminina.”

Marcelo Serrado, ator

Minha mãe é uma peça

“O personagem que o Paulo Gustavo constrói é comum na vida de todo mundo, com situações absurdas que você já viveu e se identifica: ou tem uma mãe parecida, ou uma vizinha ou uma tia. Ele cativa por isto: é um personagem real e divertido.”

Talita Carauta, atriz



CENA ABERTA



Rubens Corrêa, Ivan de Albuquerque, Leila Ribeiro e Isabel Ribeiro na peça "Hoje é dia de rock", 1985